

## A margem e(m) suas metáforas: exclusão e identidade em *Dama da noite*, de Caio Fernando Abreu

*The border and(in) her metaphors: exclusión and identity in Dama da noite, written by Caio Fernando Abreu*

*El Margen y(en) sus metáforas: exclusión e identidad en “Dama da noite”, de Caio Fernando Abreu*

<sup>1</sup>Santiago Bretanha Freitas

<sup>1</sup>santiagobretanha@gmail.com, Universidade Federal do Pampa

### Resumo

Partindo dos conceitos de identidade e interdição alcunhados por Michel Foucault, objetivamos, no presente trabalho, analisar a obra *Dama da noite*, do autor gaúcho Caio Fernando Abreu. A dita obra se constitui pela voz da narradora-protagonista Dama da noite, em um monólogo endereçado ao “boy”, em uma boate; a fala da personagem gira ao redor de sua apreciação para com o movimento da roda-gigante, metáfora utilizada para retratar a sua cosmovisão. Por meio de tais afirmações, e delimitando o objetivo da análise, pretendemos, modestamente, analisar a metáfora da roda-gigante presente na obra, transpassando as identidades, a marginalidade e, de certa maneira, a interdição que norteiam o discurso da protagonista, entendendo-a como queer. Creemos haver trazido uma singela contribuição ao entendimento dos mecanismos de exclusão e normalização passíveis de serem desconstruídos na obra, bem como para a compreensão de como se realizam os discursos no palco das relações de poder.

*Palavras-Chave:* Dama da noite, margem, exclusão, identidade, *queer*.

### Abstract

Based on the concepts of identity and interdiction, nicknamed by Michel Foucault, we aim, in this study, the objective of analyze the tale *Dama da noite*, by the Brazilian author Caio Fernando Abreu. This work constitute by the voice of the narrator-protagonist Dama da noite, in a monologue addressed to the character "boy" in a nightclub; the speech of the character revolves around his appreciation for the Ferris wheel movement, metaphor used to portray their worldview. Through such statements, and defining the purpose of the analysis, we plan to, modestly, examine the metaphor of the Ferris wheel present in the work, trespassing the identities, the marginality and, a certain way, the interdiction that guide the discourse of the protagonist, understanding she as queer. We believe having brought a simple contribution to the understanding of the mechanisms of exclusion and standardization that can be deconstructed in the tale, as well for understand how the speeches perform on the stage of the power relations.

Keywords: Dama da noite, border, exclusion, identity, *queer*.

### Resumen

Partiendo de los conceptos de identidad e interdicción postulados por Michel Foucault, objetivamos, en el presente ensayo analizar la obra *Dama da noite*, del autor gaúcho Caio Fernando Abreu. La dicha obra se constituye por la voz de la narradora-protagonista “Dama da noite”, en un monólogo endereçado al “boy”, em un club nocturno; el habla del personaje gira alrededor de su apreciación del movimiento de la rueda-gigante, metáfora utilizada para retratar su cosmovisión. Por medio de tales afirmaciones, y delimitando el objetivo de nuestra análisis, pretendemos, modestamente, analizar la metáfora de la rueda-gigante presente en la obra, traspassando las identidades, la marginalidad y, de cierta manera, el interdicto que nortean el discurso de la protagonista, entendiéndola como *queer*. Creemos haber traído una humilde contribución al entendimiento de los mecanismos de exclusión y normalización posiblemente desconstruidos en el cuento, bien como para la comprensión de cómo se realizan los discursos en el palco de las relaciones de poder.

*Palabras Clave:* Dama da noite, margen, exclusión, identidad, *queer*.

## A margem e(m) suas metáforas: exclusão e identidade em *dama da noite*, de caio fernando abreu

Tem dias que a gente se sente  
Como quem partiu ou morreu  
A gente estancou de repente  
Ou foi o mundo então que cresceu  
A gente quer ter voz ativa  
No nosso destino mandar  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega o destino pra lá

(Chico Buarque)

### 1. Introdução

Fazendo uso dos pressupostos de Michel Foucault (1996), no que diz respeito aos conceitos de interdição e identidade, o objetivo deste breve trabalho é o de propor uma análise, sob o prisma pós-estruturalista de Foucault, no que concerne à identidade e aos mecanismos de interdição do discurso, do conto *Dama da Noite*, de autoria do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, presente no livro *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988).

O conto, tecido pelo diálogo da personagem, autointitulada, *Dama da Noite* com um *boy* em um bar é aparentemente situado em uma metrópole; a diegese expõe, exclusivamente, a voz da *Dama*, construindo-se um monólogo; tal construção permite explicitar a cosmovisão da personagem principal frente à metáfora social da *roda-gigante* e à sua condição de estar na margem do padrão social, ou, melhor, fora deste. Perpassada pelo embate entre gerações e pelo contexto ditatorial, a obra se situa no epicentro da desfragmentação moderna, assim como contempla marcas típicas do estilo de Caio, como *o sexo*, *a morte* e *a solidão*.

Partindo de tais afirmações, e delimitando o objetivo da análise (anteriormente colocado), pretendemos, nesse trabalho, modestamente, analisar a metáfora da *roda-gigante* presente na obra, transpassando as identidades, a marginalidade e, de certa maneira, a

interdição que norteiam o discurso da protagonista, entendendo-a como *queer*, que, nos postulados de Guacira Lopes Louro,

[...] é tudo isso: estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (LOURO, 2004, p. 7-8).

## 2. Poder e controle social: normatização e exclusão segundo michel foucault

Foucault, célebre filósofo (1926-1984), historiador das ideias, teórico social, filólogo e crítico literário francês, é reconhecido mundialmente, principalmente na área das ciências humanas, por suas análises históricas revolucionárias voltadas para o entendimento dos sistemas institucionais e para a construção do conhecimento.

Compondo sua obra a partir do eixo central das inter-relações entre poder e conhecimento, e como esses são usados como forma de controle social, o filósofo enfatiza, como foco de suas reflexões teórico-analíticas, diversas problemáticas concretas, como a loucura, a prisão e a clínica, tendo o Homem como alvo de discussão. Para tal, constitui seu método em três momentos: a arqueologia, a genealogia e a ética.

Na arqueologia, Foucault (1978, 1981) propõe a exumação das estruturas de conhecimento ocultas que dizem respeito a um período histórico particular, buscando encontrar os pressupostos e preconceitos, em geral inconscientes, que estão presentes no pensamento de uma época, indo de encontro às configurações que deram lugar às diferentes formas de conhecimento, bem como alicerça a descrição de como se configuram e se transformam historicamente as diversas *épistémès*. Na genealogia, o autor (1983-1988) conjectura o poder e o homem, o último como objeto e sujeito dos micro-poderes, submetido ao biopoder e às biopolíticas, indagando a construção do homem moderno: “o sujeito sujeitado e disciplinado”. Por fim, na ética, o filósofo (2007a, 2007b) debate os discursos através dos quais o homem exerce a dominação e a subjetivação, isto é, a capacidade de assumir um papel histórico.

Tendo por base as conjecturas acima expostas, constituem-se na vasta obra foucaultiana diversos conceitos-chave para a sua compreensão; destes, partindo dos pressupostos das estruturas de poder, macro e microfísicas, salientamos os de “disciplina” e de “norma”; segundo Revel “disciplina” compete à

Modalidade de aplicação do poder que aparece entre o final do século XVIII e o início do século XIX. O "regime disciplinar" caracteriza-se por um certo número de técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos: "Técnicas de individualização do poder. Como vigiar alguém, como controlar sua conduta, seu comportamento, suas atitudes, como intensificar sua performance, multiplicar suas capacidades, como colocá-lo no lugar onde ele será mais útil". O discurso da disciplina é estranho à lei ou à regra jurídica derivada da soberania: ela produz um discurso sobre a regra natural, isto é sobre a norma (REVEL, p.35).

## Enquanto

[...] a noção de norma está ligada àquela de "disciplina". Com efeito, as disciplinas são estranhas ao discurso jurídico da lei, da regra entendida como efeito da vontade soberana. A regra disciplinar é, ao contrário, uma regra natural: a norma. As disciplinas, entre o fim do século XVIII e o início do século XIX, "definirão um código que não será o da lei mas o da normalização; referir-se-ão a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico" (REVEL, p. 65).

Desta maneira, partindo de tais conceitos, constitui-se a sociedade da normalização, sociedade essa que produz condutas, gestos, e o próprio indivíduo moderno, trazendo para o palco das relações de poder a problemática do binômio inclusão/exclusão; Foucault (1999, p.8), então, imerso na *Ordem do Discurso* indaga: "Mas o que há assim de tão perigoso por as pessoas falarem, qual o perigo dos discursos se multiplicarem indefinidamente? Onde é que está o perigo?"

Em hipótese, o autor supunha

[...] que em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade (FOUCAULT, 1999, P. 8-9).

Ao que complementa:

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. [...] o discurso — como a psicanálise nos mostrou —, não é simplesmente o que manifesta (ou esconde) o desejo; é também aquilo que é objeto do desejo; e visto que — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos nos apoderar (FOUCAULT, 1999, P. 2).

Assim, vê-se as produções discursivas determinadas pelos procedimentos de exclusão, e, no afã das relações de poder exercidas pela sociedade da normatização temos a interdição dos discursos da margem, com vias à manutenção de um poder central, assentado sobre a

norma hegemônica do sujeito coeso, centrado e masculino, branco e heterossexual, investido de positividade. Isto posto, mesmo que interditados, surgem, especialmente no campo literário, vozes interpostas ao centro, *Contradiscursos* ao silenciamento advindos das margens excluídas, tanto ao nível da enunciação, quanto da diegese.

Finalmente, tomando por base a assertiva de Foucault, de que as identidades devem ser vistas enquanto “relações de diferenciação, de criação, de inovação” (2004, p. 266-265), não devemos considerar as construções identitárias como uma “regra ética universal”; desta maneira, nos é possível pensar as estruturas de poder por detrás dos discursos/identidades desviantes (que, em outras perspectivas teóricas, são entendidos como contranarrativas) basilares para a compreensão da *épistémè* do que, institucionalmente, denomina-se gênero.

### 3. A margem e(m) suas metáforas

“COMO se eu estivesse por fora do movimento da vida. A vida rolando por aí feito roda-gigante, com todo mundo dentro, e eu aqui parada, pateta, sentada no bar. Sem fazer nada, como se tivesse desaprendido a linguagem dos outros” (ABREU, 1988, p. 83); assim tem início o conto *Dama da Noite*, demarcando a voz da narradora/personagem como detentora da palavra.

A partir do excerto acima exposto, de início, depreende-se duas leituras iniciais que serão o centro de nossas discussões: primeira, a de que a construção monológica da narrativa, *per se*, é marca da legitimação do discurso da Dama, uma vez esta possui voz própria, nulificando a descrição feita por um terceiro; segunda, a identificação da metáfora que será o fio-condutor das interlocuções entre a personagem principal e o Boy, a roda-gigante, e o olhar da Dama para a roda e seu movimento, um olhar advindo da margem norteadado ao centro.

Dessarte, antes de prosseguirmos com as reflexões é necessário que caracterizemos a Dama da Noite: possuidora de uma identidade voltada ao feminino, é impossível determinar sua identidade de gênero, propriamente dita, pois, embora haja traços de uma orientação sexual, esta não determinaria uma identidade masculina/feminina; mesmo que diga “adorar veado”, e assim se coloca exterior a este grupo, é impreciso delimitar se tratamos de uma mulher cisgênero, uma mulher transexual, ou, antes, enlevada pelo contexto da obra, se tratar de outro grupo identitário *underground* das comunidades gays.

Por meio do que foi exposto, cremos, como apontado na introdução, mais adequado considerar Dama enquanto uma personagem *queer*, isto é, nas palavras de Louro, sujeito da

sexualidade desviante, o excêntrico/contracêntrico, alocada em um jeito de pensar que desafia as normas disciplinares da sociedade e que se assume no “entre-lugares” e no indecível.

Desta forma, no conto, temos a visão, reflexiva e refrativa, da Dama voltada à roda-gigante. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1986, p. 895),

La rueda posee la perfección sugerida por el círculo, pero con cierta valencia de imperfección, pues se refiere al mundo del devenir, de la creación continua, y por tanto de la contingencia y de lo perecedero. Simboliza “los ciclos, las repeticiones, las renovaciones” (CHAS, 24). El mundo es como una rueda dentro de una rueda, una esfera dentro de una esfera, según el pensamiento de Nicolás de Cusa.

Assim, a roda toma para si a representação do próprio mundo, “com valência de imperfeição”, ciclos dentro de ciclos que expandem-se, esferas sociais/de poder dentro de esferas sociais/de poder, passando a ser compreendida como uma representação não somente do mundo, mas também das redes sociais, transpassadas pelo movimento de evolução/involução, de interposição entre o “baixo” e o “cima”.

Então, propondo uma ampliação da compreensão da metáfora da roda, para que, agora, se compreenda a roda-gigante, mantemos o sentido da “representação do próprio mundo, palco do estabelecimento dos poderes entre as redes sociais”, porém, acrescentamos a noção exclusão: só roda na roda quem possui as qualificações para ali rodar, os demais são relegados a observar o fluxo dos movimentos, sem poder ingressar nas redes, interditados à margem. “Alguns rodam na roda. Mas rodam fodidamente. Não rodam que nem você” (ABREU, 1988, 85), ou seja, alguns conseguem se inserir no meio, mas sem jamais pertencer a este.

Com base no acima exposto, este é o sentido que depreendemos a partir das avaliações da Dama da Noite: Foucault, em *Vigiar e Punir*, analisa o panoptismo, isto é, a distribuição/organização espacial de algumas instituições sociais (presídio, escola, hospício) que se determina por um ponto/poder central disciplinar e de segurança que vigia as margens; em *Dama da Noite* temos o reverso, é a margem que observa o central.

Mesmo que “empoderada” pela narrativa monológica em primeira pessoa, as condições de produção do discurso da Dama da Noite é a margem, sendo relevante salientar que o local em que assume poder sobre seu discurso é em uma boate, espaço igualmente desviante. Desta maneira, fica evidente a interdição do discurso da personagem, visto que “temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja” (FOUCAULT, 1999, P. 2); sendo assim, definida a boate enquanto espaço de semi-invisibilidade, temos as pronunciações de Dama apagadas na diegese, relegadas à memória de seu interlocutor, porém, enquanto produção literária, é importante

contranarrativa, transcendendo as barreiras dos poderes erigidos para dar início à compreensão pós-moderna do Homem, fragmentada, plurissemiotizada e pautada pela diferença.

#### 4. Considerações finais

Partindo do objetivo primeiro deste artigo, o de “propor uma análise sob o prisma pós-estruturalista de Foucault, no que concerne à identidade e aos mecanismos de interdição do discurso, do conto *Dama da Noite*”, e, em específico, o de “analisar a metáfora da rodagigante presente na obra, transpassando as identidades, a marginalidade e, de certa maneira, a interdição que norteiam o discurso da narradora-protagonista”, traçamos uma breve resenha da obra foucaultiana para que, por meio desta, pudéssemos traçar paralelos entre os conceitos mobilizados pelo referencial teórico e alguns traços da obra de Caio Fernando Abreu.

Ancorados nessa perspectiva, consideramos *Dama da Noite* enquanto sujeito marginalizado pela sociedade da normalização, que impõe sua voz em espaços de silenciamento. Partindo dessa visão, consideramos a protagonista enquanto *queer*, e, assim, sujeito desviante da norma que constrói contradiscurso ao centro do poder hegemônico; ainda, vemos a personagem pautada pela diferença e pela complexidade, preservando em si características plurais dos gêneros e das sexualidades, portanto, multissemiotizada e polissêmica.

Embora hajamos salientado o monólogo no conto, achamos proveitoso salientar que é por sobre a metáfora da roda-gigante que a personagem constrói seu discurso; tornando evidente a assertiva de Foucault de que há uma ligação direta do desejo com o poder, e, desta maneira, e que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos nos apoderar” (FOUCAULT, 1999, P. 2); reafirmando o valor de contradiscurso.

Creemos haver trazido uma singela contribuição ao entendimento dos mecanismos de exclusão e normalização passíveis de serem explorados na obra, bem como para o entendimento de como se realizam os discursos no palco das relações de poder; e, por fim, cremos haver ido de encontro ao que foi postulado por Bizello (2003):

“os textos de Caio Fernando Abreu são uma espécie de denúncia ao sistema repressor responsável pela privação dos sonhos, ideais e esperança de liberdade, embora não descreva de forma explícita a ditadura militar no Brasil. O escritor, com suas personagens, agride o ‘status quo’ dominante, pois apresenta indivíduos de perfis opostos aos exigidos pela sociedade tradicional: são homens e mulheres fragmentados e destituídos de identidade uma, denunciando, assim, a fragmentação

do indivíduo. O escritor cria jogos de linguagem, explora diálogos e monólogos e capta detalhes da expressão humana.”

### Referências:

- ABREU, Caio Fernando. **Dama da Noite**. In: \_\_\_\_\_. Os Dragões não conhecem o paraíso. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988. P. 83-90.
- BIZELLO, Aline. **Caio Fernando Abreu sob um viés comparatista**. Monografia (Curso de Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- \_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Lígia M. Ponde Vassalo. 2 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Uma entrevista**: sexo, poder e a política de identidade. *Verve*, 5: 260-277, 2004.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. 9 ed. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.